

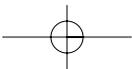
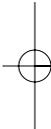
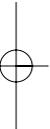
Vera Mantero

Uma das partes do corpo, a alma

Recebe-me em casa, num espaço aberto, poucos móveis, Os Passos em Volta de Herberto Hélder em cima de uma mesa, um tapete no chão da sala. É sobre este tapete que conversamos, sentados no chão. Vera Mantero ainda insiste na sugestão de que talvez seja melhor irmos para a divisão do lado onde tem o sofá. Confessa, no entanto, que é aqui que costuma sentar-se. É aqui, então, que conversaremos. Ela mais à vontade que eu, menos habituado a sentir a presença do corpo, a dar-me conta dele permanentemente. E ele faz-se notado ao fim de pouco tempo. Preciso de mudar de posição. Estico as pernas. Encolho-as. Lembro-me de uma frase que ouvi à própria Vera: «somos, cada vez mais, só cabeça, seres macrocéfalos». Imagino um desenho infantil representado-nos num corpo desproporcionado tal como, sem nos darmos conta, nos relacionamos connosco próprios. Uma cabeça gigante, maior que tudo o resto. Depois, por ordem decrescente, o sexo, claro, as mãos, maiores, muito maiores que os pés, os olhos também grandes, enormes, na cabeça imensa. Vera Mantero, a bailarina, está sentada no chão sem o meu incómodo. Conhece o corpo que é o dela e que é, em certo sentido, também o nosso, porque, como se verá mais à frente, sente que a sociedade delegou nela e nos artistas do espectáculo, em geral, um trabalho de descoberta, a busca dos limites do corpo e das possibilidades de expressão que o movimento nos oferece. Uma dádiva a todos os seres humanos que, nesta nossa sociedade especializada, só alguns aproveitam. Encaremos então os espectáculos



de Vera Mantero como um laboratório. Saudemos o trabalho que faz como uma investigação daquilo de que um dia, num futuro utópico, também seremos capazes. Quando o desenho do nosso uso do corpo puder ser menos desproporcionado.



Já a ouvi dizer que prefere chamar ao que faz, em vez de dança ou dança-teatro, simplesmente espectáculo. É algo assim tão difícil de definir e enquadrar?

É. Andamos à procura de uma nomenclatura um pouco diferente para este tipo de espectáculos.

Para fugir a rótulos ou para não enganar ninguém?

Penso que, em primeiro lugar, é para não enganar ninguém. As pessoas vêm anunciado um espectáculo de dança e podem ir à espera de ver dança, obviamente, com todo o direito, e sair frustradas quando não é exactamente isso que vêm, mas sim outra coisa. Andamos a fazer, na dança contemporânea, umas coisas um bocadinho diferentes.

Podíamos chamar-lhes performances?

Acho que espectáculo ainda é, de facto, a melhor palavra. Performance liga-se à ideia da *performance art* que é um ramo das artes plásticas e é outra confusão. Temos outros a chatearem-nos e a zangarem-se connosco. Somos presos... Como é?

Presos por ter cão, presos por não ter.

Exactamente. Por isso, é melhor arranjar uma palavra que não chateie ninguém. Espectáculo é, de facto, uma coisa que me agrada. É de facto isso que fazemos.

Chamemos-lhe então simplesmente espectáculos. Os últimos foram criações nascidas de um processo colectivo a que já chamou uma forma de pensar em conjunto. O que é pensar em conjunto?

É achar, enquanto criadora de espectáculos, que não sei tudo sozinha. Que o espectáculo vai ser muito mais interessante se for pensado e imaginado com os outros, que têm as suas vidas e, portanto, diferentes visões do mundo. Trazem experiências diferentes. Tanto experiências artísticas como de vida.

E um mais um não é, neste caso, igual a dois. O todo é superior à soma das partes?

Exactamente. Eu acho muito mais interessante, muito mais rico, que o espectáculo seja criado por todas as pessoas. Com a minha orientação e com a minha visão final, digamos. Com a minha orientação do processo, do percurso que se faz para criar. Mas também para mim, em termos de pensamento, é muito mais estimulante confrontar aquilo que me interessa saber e de que ando à procura com as vivências dos outros e com aquilo que eles têm para me trazer.

Pensar em conjunto a própria ideia de pensar, simplesmente, parece estar em contradição com aquela frase de Samuel Beckett que escolheu para título de um dos seus espectáculos: «Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois». Já não segue esta máxima?

A coisa já está, digamos, um pouco mais resolvida. Esse solo foi feito há exactamente dez anos. Continuo a dançá-lo porque é um solo improvisado que tem tido bastante sucesso. Gosto muito de continuar a mostrá-lo. Fazê-lo desde há dez anos tem-me ensinado muita

Uma das partes do corpo, a alma

19

coisa. De facto, nessa altura, eu tinha uma dificuldade enorme em perceber como é que ligo os meus pensamentos e aquilo que quero dizer à prática e à própria criação do movimento dos espectáculos. Ao fim de dez anos, acho que a coisa está agora mais resolvida. Já entendo melhor como é que ligo o pensamento e a prática, onde é que eles se fundem. Fui aprendendo.

E o que é que vem primeiro: a decisão do que quer dizer ou um movimento, um gesto, uma posição do corpo?

Vem mais o que eu quero transmitir.

Não é, portanto, o corpo que a empurra para uma ideia, é uma ideia que a empurra para o movimento.

É assim, apesar de achar que o meu corpo já me empurrou para muitos pensamentos. Houve muitas coisas que foram surgindo no meu corpo, naquilo que eu via o meu corpo ter tendência para fazer, ter vontade de fazer, um pouco à minha revelia. Qualquer pessoa sabe o que é essa experiência. As pessoas comuns sabem todas o que é ouvir uma música que as faz dançar e o seu corpo começar a fazer coisas que elas não sabiam necessariamente que iam fazer. Há umas músicas que nos põem a fazer mais um tipo de coisas, outras levam-nos a fazer outras.

Quem não tem treino de dança, o que sente é que o corpo as comanda, não são elas que comandam o corpo. Também gosta que isso lhe aconteça?

Absolutamente. Porque isso pode revelar-me coisas que eu só por decidir, racionalmente, através do pensamento, não poderia conhecer. O meu corpo — quando isto acontece, estes impulsos que a gente não sabe bem o que dizem e de onde é que vêm — contam-me muitas coisas. E a partir daí podemos então formular pensamentos.